

TERRY PRATCHETT — NEIL GAIMAN

BELAS MALDIÇÕES

AS JUSTAS E PRECISAS PROFECIAS DE AGNES NUTTER, BRUXA

14ª edição revisada

Tradução

Fábio Fernandes

B

BERTRAND BRASIL

Rio de Janeiro | 2017

ERA UM BELO DIA.

Todos haviam sido belos. Não houvera muito mais que sete deles até então, e a chuva ainda não tinha sido inventada. Mas as nuvens que se assomavam a leste do Éden sugeriam que a primeira tempestade estava a caminho. Seria das grandes.

O anjo do Portão Leste cobriu a cabeça com as asas para se proteger das primeiras gotas.

— Desculpe — falou, educadamente. — O que estava dizendo mesmo?

— *Eu disse*: aquela lá caiu feito um balão de chumbo — respondeu a serpente.

— Ah. Verdade — retrucou o anjo, cujo nome era Aziraphale.

— Acho que a reação foi exagerada, para ser franco — comentou a serpente. — Quero dizer, era um delito primário. Não vejo o que há de tão errado em saber a diferença entre o bem e o mal.

— *Deve ser* errado — argumentou Aziraphale, no tom de voz ligeiramente perturbado de quem também não vê o que há de errado e está preocupado com isso. — Caso contrário, *você* não teria se envolvido.

— Só me disseram: suba lá e crie alguma confusão — disse a serpente, cujo nome era Crawly, de “rastejante”, embora estivesse pensando em mudá-lo. Rastejar, concluíra, não combinava em nada com *ele*.

— Sim, mas você é um demônio. Não sei se chega a ter capacidade de fazer algo de bom — comentou Aziraphale. — É da sua natureza básica, sabe? Nada pessoal.

— Mas você tem que admitir que é meio que uma pantomima esse negócio — disse Crawly. — Quero dizer, apontar para a Árvore e dizer “Não

Toque” em letras garrafais. Não é lá muito sutil, né? Por que não colocá-la no alto de uma montanha ou num lugar bem distante? Você não se pergunta o que Ele está realmente planejando?

— É melhor não especular — aconselhou Aziraphale. — Não é possível adivinhar o inefável, é o que sempre digo. Existe o Certo e existe o Errado. Se alguém faz o Errado quando lhe dizem para fazer o Certo, merece ser punido. Ahn.

Ficaram sentados num silêncio constrangedor, observando as gotas de chuva batendo nas primeiras flores.

Então Crawly finalmente perguntou:

— Você não tinha uma espada flamejante?

— Ahn — disse o anjo. Uma expressão de culpa passou por seu rosto e em seguida voltou e montou acampamento ali.

— Você tinha, não tinha? — perguntou Crawly. — Flamejava que era uma beleza.

— Ahn, bem...

— Eu a achava bem impressionante.

— Sim, mas, olha...

— Você a perdeu?

— Não! Não, não foi exatamente “perder”, mas sim...

— O quê?

Aziraphale parecia arrasado.

— Se você quer saber — disse, um pouco hesitante —, eu dei.

Crawly o encarou a espada.

— Bem, não tive escolha — explicou o anjo, esfregando as mãos com um semblante distraído. — Eles estavam sentindo tanto frio, coitadinhos, e ela *já* estava grávida, e, com aqueles animais *terríveis* lá fora e a tempestade se formando, eu pensei “que mal pode haver?” e disse: escutem, se vocês voltarem, vão causar um fuzuê celestial, mas pode ser que precisem desta espada, por isso aqui está, nada de agradecimentos, só façam um grande favor a todos e não estejam aqui depois do pôr do sol.

Sorriu para Crawly, preocupado.

— Foi a melhor coisa que eu poderia fazer, não foi?

— Não sei se você realmente tem a capacidade de fazer algo ruim — disse Crawly, sarcástico.

Aziraphale não reparou.

— Ah, assim espero. Espero mesmo. Isso me deixou nervoso a tarde toda. Ficaram algum tempo olhando a chuva.

— Engraçado — comentou Crawly. — *Eu* também fico me perguntando se aquele negócio da maçã não teria sido a coisa certa a fazer. Um demônio pode se meter numa boa enrascada fazendo a coisa certa. — Cutucou o anjo. — Não seria engraçado se a gente tivesse entendido tudo errado? Não seria engraçado se eu tivesse feito a coisa boa, e você, a ruim?

— Acho que não — disse Aziraphale.

Crawly se pôs a fitar a chuva.

— Não — concordou, mais sério. — Imagino que não.

Cortinas negras se assomavam sobre o Éden. O trovão rugia por entre as colinas. Os animais, recém-batizados, encolhiam-se de medo da tempestade.

Longe dali, nas florestas úmidas, algo brilhante e feroz tremeluzia por entre as árvores.

Seria uma noite escura e tempestuosa.

Belas Maldições

Uma Narrativa de Certos Eventos ocorridos nos últimos onze anos da história humana, em estrita concordância com o escrito em:

As Justas e Precisas Profecias de Agnes Nutter

Compilado e editado, com Notas de Rodapé de Natureza Educacional e Preceitos para os Sábios, por Neil Gaiman e Terry Pratchett.

DRAMATIS PERSONÆ

SERES SOBRENATURAIS

Deus (Deus)

Metatron (A Voz de Deus)

Aziraphale (Um Anjo e Comerciante de Livros Raros em Meio Expediente)

Satanás (Um Anjo Caído; o Adversário)

Belzebu (Outro Anjo Caído e Príncipe do Inferno)

Hastur (Um Anjo Caído e Duque do Inferno)

Ligur (Outro Anjo Caído e Duque do Inferno)

Crowley (Um Anjo que não chegou exatamente a Cair, tendo só meio que
Perambulado Vagamente para Baixo)

CAVALEIROS DO APOCALIPSE

MORTE (Morte)

Guerra (Guerra)

Fome (Fome)

Poluição (Poluição)

HUMANOS

Não-Cometerás-Adultério Pulsifer (Um Caçador de Bruxas)

Agnes Nutter (Uma Profetisa)

Newton Pulsifer (Escriturário e Soldado Caçador de Bruxas)

Anathema Device (Ocultista Prática e Descendente Profissional)

Shadwell (Sargento Caçador de Bruxas)

Madame Tracy (Jezebel Pintada [somente de manhã, quintas-feiras a combinar] e Médium)

Irmã Maria Loquaz (Uma Freira Satânica da Ordem Faladora de Santa Beryl)

Sr. Young (Um Pai)

Sr. Tyler (Um Presidente de uma Associação de Moradores)

Um Entregador

ELES

ADAM (Um Anticristo)

Pepper (Uma Garota)

Wensleydale (Um Garoto)

Brian (Um Garoto)

Coro Completo de Tibetanos, Alienígenas, Americanos, Atlantes e outras raras e estranhas Criaturas dos Últimos Dias.

E

Cão (Canino satânico e caçador de gatos)

ONZE ANOS ANTES

AS TEORIAS ATUAIS sobre a criação do Universo afirmam que, se ele foi realmente criado e não começou simplesmente, como se diz, de forma não oficial, ele surgiu entre dez e vinte bilhões de anos atrás. Pela mesma referência, costuma-se calcular a idade da própria Terra em cerca de quatro bilhões e meio de anos.

Essas datas estão incorretas.

Estudiosos judeus medievais determinaram a data da Criação em 3760 a.C. Os teólogos da ortodoxia grega situam a Criação em 5508 a.C.

Essas sugestões também estão incorretas.

O arcebispo James Usher (1580—1656) publicou em 1654 seu tratado *Annales Veteris et Novi Testamenti*, que sugeria que o Céu e a Terra foram criados em 4004 a.C. Um de seus assistentes, levando os cálculos mais além, foi capaz de anunciar, triunfante, que a Terra teria sido criada no domingo, 21 de outubro, exatamente às nove da manhã, porque Deus gostava de trabalhar cedo, enquanto ainda estava descansado.

Isso também estava incorreto. Por uma questão de quase quinze minutos.

Todo aquele negócio com fósseis de esqueletos de dinossauro foi uma brincadeira de que os paleontólogos ainda não se deram conta.

O que prova duas coisas:

Primeiro, que Deus age de formas extremamente misteriosas, para não dizer tortuosas. Deus não joga dados com o universo; Ele joga um jogo inefável de sua própria criação, que poderia ser comparado, da perspectiva de qualquer um dos outros jogadores,¹ a estar envolvido numa partida de

1 Todos os dois.

uma versão obscura e complexa de pôquer, numa sala completamente escura, com cartas em branco, apostas infinitas e um crupiê que não lhe diz quais são as regras e que *sorri o tempo todo*.

Segundo, a Terra é Libra.

A previsão astrológica de Libra na coluna “Suas Estrelas Hoje” do *Advertiser* de Tadfield, no dia em que esta história se inicia, é a seguinte:

LIBRA. 24 de setembro a 23 de outubro.

Você pode estar se sentindo mal e sempre na mesma velha rotina diária. Questões envolvendo casa e família estão em evidência e precisando ser resolvidas. Evite riscos desnecessários. Um amigo é importante para você. Adie grandes decisões até que o caminho à frente pareça claro. Você poderá estar vulnerável a um problema estomacal hoje, portanto evite saladas. Poderá receber ajuda de uma fonte inesperada.

Previsão perfeitamente correta em tudo, a não ser pela parte das saladas.

Não era uma noite escura e tempestuosa.

Deveria ter sido, mas sabe como o tempo é. Para cada cientista louco que teve uma conveniente tempestade justo na noite em que sua Grande Obra está concluída, esperando na mesa de trabalho, dezenas ficaram vagando sem objetivo sob as estrelas tranquilas enquanto Igor contava as horas extras.

Mas não deixe a neblina (com chuva no final do período, temperaturas caindo para cerca de cinco graus) dar a ninguém uma falsa sensação de segurança. Só porque é uma noite tranquila, não significa que forças negras não estejam à espreita. Elas estão à espreita o tempo todo. Elas estão *em toda parte*.

Sempre estão. Esse é o xis da questão.

Duas delas espreitavam no cemitério em ruínas. Duas figuras sombrias, uma corcunda e agachada, a outra magra e ameaçadora, ambas espreitadoras de nível olímpico. Se Bruce Springsteen tivesse gravado uma música “Nascido para Espreitar”, esses dois teriam figurado na capa do CD. Estavam espreitando na neblina havia uma hora, mas podiam ficar espreitando pelo resto da noite se necessário, com mau humor e disposição ameaçadoras suficientes para uma última rodada de espreitamento perto do amanhecer.

Finalmente, depois de mais vinte minutos, um deles disse:

— Que droga. Ele deveria estar aqui há *horas*.

Seu nome era Hastur. Ele era um Duque do Inferno.

Muitos fenômenos — guerras, pragas, auditorias feitas de surpresa — já foram apresentados como provas da mão oculta de Satã nos assuntos do Homem, mas sempre que estudantes de demonologia se reúnem, a rodovia marginal M25 de Londres é geralmente considerada uma das principais candidatas a fenômeno principal.

O erro deles, claro, é supor que essa maldita estrada seja maligna simplesmente por conta da incrível carnificina e frustração que causa todos os dias.

Na verdade, quase ninguém na face do planeta sabem que a M25 tem a forma do símbolo *Odegra* na linguagem da Irmandade Negra da Antiga Mu, que significa “Salve a Grande Besta, Devoradora de Mundos”. Os milhares de motoristas que passam em disparada diariamente por suas curvas serpenteantes têm o mesmo efeito que a água numa roda de orações, moendo uma eterna neblina de mal de baixo grau para poluir a atmosfera metafísica por dezenas de quilômetros.

Era uma das melhores realizações de Crowley. Levava *anos* para ser concluída e envolvera três alterações em computadores, duas invasões, uma pequena propina e, numa noite chuvosa, quando tudo o mais havia falhado, duas horas num campo encharcado deslocando marcos por alguns metros — poucos mas bem significativos em termos ocultos. Quando Crowley viu o primeiro retorno de 48 quilômetros de extensão, teve a agradável e cálida sensação de um mau trabalho bem-feito.

Isso lhe valera uma comenda.

Crowley estava naquele momento a 170 km/h em algum lugar a leste de Slough. Nada a seu respeito parecia particularmente demoníaco, pelo menos pelos padrões clássicos. Nada de chifres ou asas. Na verdade, ele estava ouvindo uma fita com os maiores sucessos do *Queen*, mas não se deve tirar nenhuma conclusão a partir disso, porque todas as fitas deixadas num carro por mais de quinze dias acabam se transformando em coletâneas dos maiores sucessos do *Queen*. Nenhum pensamento particularmente demoníaco lhe passava pela cabeça. Na verdade, ele estava era se perguntando, distraído, quem afinal eram Moey e Chandon.

Crowley tinha cabelos negros e maçãs do rosto bem-definidas, calçava sapatos de couro de cobra — ou pelo menos se presumia que estivesse calçando sapatos — e podia fazer coisas realmente estranhas com a língua. Além disso, sempre que se distraía, tinha tendência a sibilar.

Ele também não piscava muito.

O carro que estava dirigindo era um Bentley preto de 1926, único dono, que por acaso havia sido Crowley. Ele cuidava bem do carro.

O motivo pelo qual estava atrasado era que gostava imensamente do século XX. Era muito melhor que o XVII e *muito* melhor que o XIV. Uma das coisas boas a respeito do Tempo, Crowley sempre dizia, era que ele o estava levando inexoravelmente para cada vez mais longe do século XIV, os mais tediosos cem anos nesta terra de Deus, desculpando o linguajar. O século XX era tudo menos chato. Na verdade, uma luz azul que piscava no espelho retrovisor vinha dizendo a Crowley, havia cinquenta segundos, que ele estava sendo seguido por dois homens que gostariam de torná-lo ainda mais interessante.

Olhou para o relógio, projetado para o tipo de mergulhador rico que gosta de saber que horas são em 21 capitais enquanto está lá embaixo.²

O Bentley passou tropejante pela rampa de saída, fez a curva em duas rodas e mergulhou numa estrada cheia de folhas. A luz azul foi atrás.

Crowley suspirou, tirou uma das mãos do volante e, virando-se um pouco, fez um gesto complicado sobre o ombro.

A luz que piscava diminuiu a distância enquanto o carro da polícia desacelerava até parar, para espanto de seus ocupantes. Mas isso não seria nada comparado ao espanto que teriam quando abrissem o capô e descobrissem no que o motor havia se transformado.

No cemitério, Hastur, o demônio alto, passava uma butuca para Ligur, o baixo, que era um espreitador mais experiente.

— Posso ver uma luz — disse ele. — Lá vem ele agora, o exibido.

— O que é aquilo que ele está conduzindo? — perguntou Ligur.

2 Foi feito sob medida para Crowley. Obter apenas um chip feito sob medida é incrivelmente caro, mas ele podia pagar. *Aquele* relógio dava as horas em vinte capitais mundiais e numa capital em Outro Lugar, onde era sempre uma hora específica, e essa hora era Tarde Demais.

— É um carro. Uma carruagem sem cavalos — explicou Hastur. — Acho que não existiam da última vez em que você esteve aqui. Não é para o que você poderia chamar de uso geral.

— Antigamente tinha um homem na frente, carregando uma bandeira vermelha — disse Ligur.

— É, evoluíram um pouco desde então.

— Como é esse Crowley? — perguntou Ligur.

Hastur cuspiu.

— Ele está por aqui há muito tempo. Desde o Início. Virou nativo, se quer minha opinião. Dirige um carro com telefone.

Ligur ponderou a respeito. Como a maioria dos demônios, ele tinha um entendimento limitado de tecnologia e, portanto, estava prestes a dizer algo como *aposto que deve usar um fio muito comprido* quando o Bentley desacelerou até parar no portão do cemitério.

— E usa óculos de sol — desdenhou Hastur —, mesmo quando não precisa. Então elevou a voz e disse: — Ave, Satã.

— Ave, Satã — repetiu Ligur.

— Oi — disse Crowley, acenando para eles. — Desculpem o atraso, mas sabem como é na A40 em Denham... Tentei cortar pela Chorley Wood e depois...

— Agora que estamos todos aqui — interrompeu Hastur, sério —, precisamos recontar os Feitos do Dia.

— Sim. Feitos — disse Crowley, com o olhar ligeiramente culpado de quem vai à igreja pela primeira vez em anos e esqueceu em que partes se deve ficar de pé.

Hastur limpou a garganta e começou:

— Eu tentei um padre. Enquanto ele andava pela rua e via as garotas bonitas ao sol, coloquei a Dúvida em sua mente. Ele teria sido um santo, mas, em uma década, nós o teremos.

— Boa, essa — comentou Crowley, educado.

— Eu corrompi um político — contou Ligur. — Deixei-o achar que uma pequena propina não faria mal. Em um ano, nós o teremos.

Ambos olharam com expectativa para Crowley, que lhes retribuiu com um grande sorriso.

— Vocês vão gostar disto.

Seu sorriso ficou cada vez maior e mais conspiratório.

— Eu paralisei *todos* os sistemas de telefone celular do centro de Londres por 45 minutos na hora do almoço.

Houve um momento silêncio; o único som era o rugido distante dos carros.

— Certo? — perguntou Hastur. — E depois o quê?

— Escutem, não foi fácil — disse Crowley.

— Foi só isso? — perguntou Ligur.

— Escutem...

— E exatamente o que isso fez para garantir almas para nosso mestre? — perguntou Hastur.

Crowley se controlou.

O que poderia lhes dizer? Que vinte mil pessoas ficaram bravas pra cacete? Que era possível ouvir as artérias se entupindo por toda a cidade? E que então essas pessoas voltavam e descontavam tudo em suas secretárias ou guardas de trânsito ou o que quer que fosse, e que *eles, por sua vez*, descontavam isso tudo em outras pessoas? Em todos os tipos de pequenos modos de vingança em que — e aqui vinha a parte boa — *eles mesmos pensavam*. Pelo resto do dia. O efeito dominó era incalculável. Milhares e milhares de almas recebiam uma pequena pátina de sujeira, e mal era preciso erguer um dedo.

Mas não se podia dizer isso a demônios como Hastur e Ligur. Mentalidades do século XIV, todos eles. Que passavam anos tentando uma única alma. Tudo bem, era *artesanal*, mas era preciso pensar de outra maneira hoje em dia. Não grande, mas amplo. Com cinco bilhões de pessoas no mundo, não dava mais para pegar os safados um por um; você tinha que espalhar seu esforço. Mas demônios como Ligur e Hastur não compreenderiam. Eles jamais teriam pensado na televisão de língua galesa, por exemplo. Ou em impostos sobre valor agregado. Ou em Manchester.

Ele gostara particularmente de Manchester.

— Os Poderes Constituídos parecem estar satisfeitos — disse Crowley.
— Os tempos estão mudando. Então, o que há de novo?

Hastur pegou algo atrás de uma lápide e disse:

— Isto.

Crowley olhou fixamente para a cesta.

— Ah — comentou ele —, não.

— Sim — disse Hastur, sorrindo.

— Já?

— Sim.

— E, ahn, sou eu que tenho que...

— *Sim.* — Hastur estava gostando daquilo.

— Por que eu? — perguntou Crowley, desesperado. — Você me conhece, Hastur, essa não é a minha praia. Você sabe...

— Ah, é sim, é sim — disse Hastur. — Sua praia. Seu papel principal. Aceite. Os tempos estão mudando.

— É — acrescentou Ligur, sorrindo. — E estão chegando ao fim, pra começar.

— Por que *eu*?

— Você obviamente é um privilegiado — disse Hastur, malicioso. — Imagino que o nosso Ligur aqui daria o braço direito por uma chance dessas.

— É isso mesmo — concordou Ligur. O braço direito de alguém, pelo menos, pensou ele. Havia muito braço direito por aí; não fazia sentido desperdiçar um dos bons.

Hastur tirou uma prancheta dos recessos ensecados de sua capa de chuva.

— Assine. Aqui — disse ele, dando uma terrível pausa entre as palavras.

Crowley mexeu devagar num bolso interno e tirou uma caneta de dentro dele. Era fina e preta. Tinha uma aerodinâmica que parecia capaz de exceder o limite de velocidade.

— Bela caneta — disse Ligur.

— Escreve até debaixo d'água — murmurou Crowley.

— O que mais vão inventar? — devaneou Ligur.

— Seja o que for, é melhor pensarem rápido — disse Hastur. — *Não.* A. J. Crowley não. Seu nome *verdadeiro*.

Crowley assentiu com tristeza e desenhou um símbolo complexo e serpenteante no papel, que brilhou vermelho na penumbra, só por um momento, e em seguida se desvaneceu.

— O que é que eu devo fazer com isto? — perguntou Crowley.

— Você receberá instruções — respondeu Hastur com uma careta. — Por que está tão preocupado, Crowley? O momento pelo qual viemos trabalhando por todos esses séculos está chegando!

— É. Certo — disse Crowley. Agora ele não parecia a figura descolada que havia saltado do Bentley poucos minutos antes. Tinha uma expressão de derrota no rosto.

— Nosso momento de triunfo eterno nos aguarda!

— Eterno. É — disse Crowley.

— E você será um instrumento desse destino glorioso!

— Instrumento. É — resmungou Crowley. Pegou a cesta como se ela pudesse explodir. O que, por assim dizer, faria em algum tempo.

— Ahn. Ok — disse ele. — Então vou nessa. Tudo bem? Pra me livrar logo disso. Não que eu *queira* me livrar logo disso — acrescentou, apressado, ciente das coisas que poderiam acontecer se Hastur entregasse um relatório desfavorável. — Mas você me conhece. Rápido e rasteiro.

Os demônios mais velhos não falaram nada.

— Então vou lá, ok? — disse Crowley. — Vejo vocês em... Vejo vocês. Ahn. Valeu. Legal. *Ciao*.

Quando o Bentley saiu cantando pneu na escuridão, Ligur perguntou:

— O que ele disse?

— É italiano — disse Hastur. — Acho que significa “comida”.

— Que coisa engraçada de se dizer. — Ligur ficou olhando as lanternas traseiras que se afastavam. — Você confia nele? — perguntou.

— Não — respondeu Hastur.

— Que bom — disse Ligur.

Seria um mundo muito esquisito, refletiu ele, se os demônios passassem a confiar uns nos outros.

Em algum lugar a oeste de Amersham, Crowley, disparando noite adentro, pegou uma fita aleatoriamente e tentou forçá-la para fora da frágil caixa plástica sem tirar o olho da estrada. O brilho de um farol permitiu que ele visse que era *As Quatro Estações*, de Vivaldi. Música relaxante; era disso que precisava.

Enfiou-a no Blaupunkt.

— Merdamerdamerdamerda! Por que agora? Por que eu? — resmungou, ouvindo os acordes familiares do Queen.

E, subitamente, Freddie Mercury estava falando com ele:

PORQUE VOCÊ MERECEU, CROWLEY.

Crowley soltou uma bênção baixinho. Usar eletrônicos como meio de comunicação havia sido ideia sua, e a turma lá De Baixo enfim havia feito um bom uso dela — e, como de costume, entendido tudo errado. Ele esperara que eles pudessem ser convencidos a assinar a Cellnet, mas, em vez disso, simplesmente interrompiam o que quer que ele estivesse ouvindo na hora e distorciam tudo.

Crowley engoliu em seco.

— Muito obrigado, senhor.

TEMOS MUITA FÉ EM VOCÊ, CROWLEY.

— Obrigado, senhor.

ISTO É IMPORTANTE, CROWLEY.

— Eu sei, eu sei.

ESTE É O GRANDE MOMENTO, CROWLEY.

— Deixa comigo, senhor.

É O QUE ESTAMOS FAZENDO, CROWLEY. E, SE DER ERRADO, OS ENVOLVIDOS SOFRERÃO ENORMEMENTE. ATÉ MESMO VOCÊ, CROWLEY. ESPECIALMENTE VOCÊ.

— Entendido, senhor.

EIS SUAS INSTRUÇÕES, CROWLEY.

E então ele soube. Detestava aquilo. Podiam simplesmente ter dito a ele, não precisavam subitamente jogar um conhecimento frio direto no seu cérebro. Ele tinha que dirigir até um determinado hospital.

— Estarei lá em cinco minutos, senhor, sem problema.

ÓTIMO. I see a little silhouetto of a man scaramouche scaramouche will you do the fandango...

Crowley socou o volante. Tudo estava indo tão bem; ele realmente tivera tudo sob controle nos últimos séculos. É assim que acontece: quando acha que está no topo do mundo, de repente jogam o Armagedom em cima dessa pessoa. A Grande Guerra, a Última Batalha. Céu *contra* Inferno, três rodadas, uma Queda, sem rendição. E pronto. Nada mais de mundo. Era *isso* o que o fim do mundo *queria dizer*, afinal. Nada mais de mundo. Só o Céu eterno ou, dependendo de quem ganhasse, o Inferno eterno. Crowley não sabia qual era pior.

Bom, o *Inferno* era pior, claro, por definição. Mas Crowley se lembrava de como era o Céu, e o lugar tinha algumas coisas em comum com o Inferno.

Pra começar, não se conseguia uma bebida decente em nenhum dos dois. E o tédio que se sentia no Céu era quase tão ruim quanto a animação que se tinha no Inferno.

Mas não havia como escapar disso. Não era possível ser um demônio e ter livre-arbítrio.

... *I will not let you go (let him go)*...

Bem, pelo menos não seria naquele ano. Ele teria tempo de fazer algumas coisas. Vender ações de longo prazo, para começar.

Perguntou-se o que aconteceria se simplesmente parasse o carro ali, naquela estrada escura, úmida e vazia, pegasse a cesta e a girasse, girasse e soltasse e...

Algo de pavoroso, eis o que aconteceria.

Ele já havia sido um anjo outrora. Não tivera a intenção de Cair. Só começara a andar com as pessoas erradas.

O Bentley mergulhava na escuridão, o ponteiro do combustível no zero. Apontava para o zero havia mais de sessenta anos. Ser um demônio não era assim tão ruim. Não era necessário comprar gasolina, por exemplo. A única vez em que Crowley comprara gasolina fora em 1967, para ganhar um decalque de James Bond que imitava um buraco de bala no para-brisa e que ele tinha achado bacana na época.

No banco traseiro, a coisa na cesta começou a chorar; o grito de sirene do recém-nascido. Alto. Sem palavras. E *velho*.

Até que era um hospital bonitinho, pensou o Sr. Young. Teria sido silencioso também, não fosse pelas freiras.

Ele até que gostava de freiras. Não que fosse um esquerdista ou coisa do gênero. Não, quando se tratava de evitar ir à igreja, a que ele evitava era a de São Cecílio e Todos os Anjos, uma igreja séria; ele jamais teria sonhado em evitar ir a nenhuma outra. Todas as outras tinham o cheiro errado: cera polidora para a parte de baixo, um incenso um tanto suspeito para a parte de cima. No fundo da poltrona de couro de sua alma, o Sr. Young sabia que Deus ficava constrangido com esse tipo de coisa.

Mas gostava de ver freiras, da mesma forma que gostava de ver o Exército da Salvação. Isso lhe dava a sensação de que estava *tudo bem*, de que as pessoas em algum lugar estavam mantendo o mundo nos eixos.

Aquela, porém, era sua primeira experiência com a Ordem Faladeira de Santa Beryl.³ Deirdre tomara conhecimento dela enquanto esteve engajada numa de suas causas, possivelmente a que envolvia muitos sul-americanos desagradáveis lutando contra outros sul-americanos desagradáveis e os padres insuflando-os em vez de se preocuparem com atividades sacerdotais adequadas, como organizar a rota de limpeza da igreja.

A questão era que freiras deveriam ser silenciosas. Eram moldadas para isso, como aquelas coisas pontudas que se recebe naquelas câmaras em que o Sr. Young tinha uma vaga ideia de que seu aparelho de som era testado. Elas não deveriam ficar matraqueando o tempo todo.

Encheu o cachimbo com tabaco — bem, pelo menos o que chamavam de tabaco, sem ser o que ele achava que era tabaco, não o tabaco que costumava obter — e ficou refletindo sobre o que aconteceria se perguntasse a uma freira onde era o sanitário masculino. Provavelmente o Papa lhe enviaria uma nota de repúdio ou algo assim. Mudou de posição sem jeito e deu uma olhadela no relógio.

Mais uma coisa: pelo menos as freiras haviam batido o pé quanto à presença dele no parto. Deirdre o quisera muito. Ela andara *lendo* coisas novamente. Uma criança aparecendo e subitamente ela já vai declarando que aquele confinamento seria a experiência mais alegre e íntima que dois seres humanos podiam ter. Isso era o que dava deixar que ela assinasse os próprios jornais. O Sr. Young desconfiava de jornais cujas páginas internas tinham nomes como “Estilo de Vida” ou “Opções”.

3 Santa Beryl Articulata de Cracóvia, conhecida por ter sido martirizada em meados do século V. Segundo a lenda, Beryl era uma jovem entregue como noiva contra a própria vontade a um pagão, o príncipe Casimir. Em sua noite de núpcias, ela rezou para o Senhor interceder, esperando vagamente que uma barba milagrosa aparecesse, e na verdade ela já tinha à mão uma pequena navalha de cabo de marfim, adequada para damas, especialmente para essa possibilidade; em vez disso, o Senhor garantiu a Beryl a habilidade milagrosa de falar ininterruptamente sobre o que lhe viesse à mente, por mais inconsequente que fosse, sem pausa para respirar ou comer.

Segundo uma das versões da lenda, Beryl foi estrangulada pelo príncipe Casimir três semanas após o casamento, sem consumir as núpcias. Ela morreu virgem e mártir, matraqueando até o fim.

Segundo outra versão da lenda, Casimir comprou um par de tampões de ouvido, e ela morreu na cama, com ele, aos 62 anos.

A Ordem Faladeira de Santa Beryl tem o voto de imitar a santa em todos os momentos, exceto nas tardes de terça-feira, por meia hora, quando as freiras recebem permissão para se calar, e, se desejarem, jogar pingue-pongue.